

De Rio Grande a Brasília,
a bem-sucedida trajetória
de um dos melhores e mais
rodados músicos gaúchos da
segunda metade do século XX

Reportagem
Cultural

Peixoto Primo o pianista das celebridades

Marcello Campos, especial para JC

Separada de Porto Alegre por quase 300 quilômetros em linha reta, a cidade gaúcha de Rio Grande é musicalmente conhecida como celeiro de talentos. Sua identidade portuária e cosmopolita fez da cidade um cenário de intercâmbio sonoro incrementado por ritmos, partituras e instrumentos trazidos por marinheiros, viajantes e imigrantes dos mais diversos países. Somando-se a isso uma vida noturna movimentada e a tradição de longevas agremiações sociais, o resultado pode ser medido pelo sucesso do pianista João Antônio Peixoto Primo (1933-2001), cuja reputação ainda hoje navega por águas internacionais.

O caçula de nove irmãos foi apresentado ao instrumento na infância por Dona Dinorah, mãe e exímia no instrumento. Com

domínio no acordeon e piano, “Joca” virou “Primo” e em 1947 já atuava no Regional de Chiquinho na Rádio Cultura Riograndina (primeira emissora local), aos 14 anos. Vieram então as performances com a Orquestra de Nunes e Seus Rapazes, o circuito de bailes e o trabalho nas boates Veterana e Mangacha. Repertório, disciplina, improviso, ouvido atento a novidades e o *feeling* necessário para manter uma pista de dança em movimento: todos os caminhos apontavam para a Capital.

Destreza e simpatia abriam alas em uma cidade repleta de oportunidades para artistas como ele. “Meu sonho era seguir para Porto Alegre, mas a mãe precisava autorizar”, narraria em entrevista concedida décadas mais tarde. “Acabei esperando até completar 21 anos e então fui embora de mala, cuia, papagaio, rádio, em

1955. Morando em um dos quartos da Pensão Riograndina, na avenida João Pessoa, conheci os músicos Giovane Porzio e Wayne Dutra, que atuavam na Rádio Farroupilha e me convidaram para ser pianista no programa Rádio Sequência, líder de audiência no horário das 11h às 13h. Tudo deu certo.”

No embalo dos “melódicos” (pequenos grupos de repertório eclético e sonoridade suave), liderou seu próprio time: Primo & Seu Conjunto, ao lado de colegas como Osvaldo Carreiro (acordeon), Luizinho Santos (ritmo), os irmãos Nilton (guitarra) e Sumerival Baraldo (bateria), além de Edy Polo e Fernando Colares (voz). Contratados em 1957 pela gravadora pernambucana Rozenblit para duas faixas em disco de 78 rotações, acabaram merecendo oito em um LP digno do título *Se-*

leção Dançante - entre sambas e mambos, a versão do rock-balada *Only You* pode ser considerada o primeiro registro do gênero por músicos gaúchos.

O currículo também abraçaria apresentações em programas da Farroupilha, Gaúcha (*Música de Boate*) e Gualba (*Rádio-Baile Brah-ma*), além de apresentações por todo o Estado e ao menos duas minitemporadas em São Paulo, até o desmonte em 1960. Sempre em movimento, Primo deu no ano seguinte um passo mais ousado ao integrar - como vibrafonista e diretor - o Conjunto Flamingo, ao lado de nomes como Wilson Ayala (acordeon) e Clóvis Ibañez (bateria). Com arranjos modernos, o octeto foi atração fixa na Rádio Gaúcha e TV Piratini, lançou três LPs e dois compactos para o selo Audio Fidelity, além de abrigar como “estagiária” a jovem *lady-*

-crooner Elis Regina.

A época coincide com agendas extras de correspondente da revista carioca Cinelândia (redigindo notas sobre a cena musical gaúcha), funcionário do Banco do Brasil e diretor social da Associação Atlética da instituição (AABB). E foi no elevador da firma que ele deu de ombros ao ouvir de um estranho, na tarde de 29 de janeiro de 1965, o recado “Cuidado, querem te matar”. Horas depois, quando saía de visita noturna a um amigo no bairro Menino Deus, três sujeitos o abordaram: “Olha o bonitinho da televisão!”. Primo apanhou às ganhas, antes que os agressores fugissem acuados pela gritaria da vizinhança. Cheio de hematomas e com a roupa em frangalhos, disse desconhecer o motivo do ataque.

Leia mais na página central

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Não existe dramaturgia brasileira sem elas

Laura Cardoso (na verdade, Laurinda de Jesus Balleroni), nasceu em São Paulo, em 1927. Nilcedes Soares de Magalhães (mais conhecida como Glória Menezes) nasceu em Pelotas, em 1934. Diferença de quase uma geração, mas a morte reuniu-as quase numa única data: 17 e 18 de agosto de 2026, a primeira na mesma São Paulo de nascimento, a segunda no Rio de Janeiro, onde vivia nos últimos anos, sobretudo depois da morte do companheiro, o também ator Tarcísio Meira. Laura era viúva, igualmente, de um artista, o ator, roteirista e diretor Fernando Balleroni. A contrário do que é muito comum no meio artístico, ambas mantiveram um único casamento, ao longo dos anos. Laura não chegou a ter filhos; Glória nos deixou o também ator Tarcísio Filho.

Ambas nonagenárias, falar destas atrizes não é relembrar suas histórias individuais, mas contar a própria história das artes cênicas brasileiras, do teatro, em geral, ambas passando pelo rádio (caso especial de Laura Cardoso) e sobretudo da televisão, em que foram sempre pioneiras. Neste quase um século, o Brasil e o mundo viveu experiências as mais radicalmente diversas, de que elas foram personagens ativas.

Laura Cardoso começou no rádio, descobriu o teatro e depois foi-se repartindo entre televisão e teatro. Estreou quando a TV Tupi estreava o teatro na televisão (ainda não se chamava teleteatro): era tudo ao vivo. Ela viveu a Cosette de *Os miseráveis*, de Victor Hugo, e esteve em *As pupilas do Senhor Reitor*, de Júlio Diniz. Não foi necessariamente a mocinha. Na verdade, um saldo de sua carreira a coloca mais responsável por papéis antipáticos e maldosos, mas isso não impediu que ela se destacasse em interpretações cômicas inesquecíveis. Eis a sua versatilidade.

Da TV Tupi à Band, passando pela Cultura e, enfim, estabelecendo-se na Globo, Laura Cardoso chegou ao teatro já veterana, aos 32 anos de idade: mas dali não saiu nunca mais, ganhando, dentre outros, o Prêmio APCA de Melhor Atriz de Teatro. Cheguei a assisti-la em *Veredas da salvação*, peça de Jorge Andrade, no papel de Dolor, que Lélia Abramo encarnaria no

cinema. Mas talvez o melhor prêmio que ela poderia receber foi o fato de morrer por causas naturais, enquanto dormia...

Glória Menezes, pelo que se noticiou, também morreu de morte natural, em casa. Após a aposentadoria do casal que formava com Tarcísio Meira, haviam se fixado no interior de São Paulo, onde adquiriram uma fazenda e se dedicaram à criação de cavalos. Durante a covid-19, ambos foram internados, e Tarcísio infelizmente veio a falecer. O casal tinha data marcada para uma temporada no Theatro São Pedro, em Porto Alegre, quando a doença obrigou ao fechamento de todos os teatros. Com a morte de Tarcísio, a peça foi cancelada, e Glória mudou-se para o Rio de Janeiro.

A atriz viveu personagens marcantes no teatro, como Abigail Williams, em *As feitiças de Salém*, de Arthur Miller; foi a Duquesa de York, em *Ricardo III*, de Shakespeare e em duas ocasiões diferentes viveu a Maude de *Ensina-me a viver* (a peça que viria a Porto Alegre, já com data marcada, não fora a morte de Tarcísio Meira). Na televisão, dentre outros papéis, foi Lara, de *Os Irmãos Coragem*, Fernanda em *Malu Mulher* e Laura, em *Rainha da sucatas*.

Glória Menezes tanto vivia papéis dramáticos, quanto cômicos. Podia ser uma simpática personagem ou uma bandida. Em *Irmãos Coragem* veio a consagração, mas ela continuou se revelando: a engraçada Jordana, em *Jogo da vida*, a engraçadíssima Roberta Leone, em *Guerra dos sexos*, onde ela contracenou com Tarcísio pela primeira vez, em uma comédia. Em 1990, porém, tornou-se a vilã, como em *A próxima vítima*.

Certamente, cada leitor destas linhas terá uma (ou várias) memórias de cada uma destas atrizes extraordinárias. Mais o que mais vale registrar aqui, muito de passagem, é que as histórias do teatro, a história do rádio teatro e a história da telenovela brasileiros não poderiam ter sido escritas sem a participação destas duas artistas. Elas iluminaram nossas vidas com seus personagens e certamente agora vão acalantar nossas memórias. A história da dramaturgia brasileira não existe sem elas.

acontece

Canção *My Place in History* foi inserida em caixa que só será aberta no centenário da cantora

Dolly Parton deixou canção inédita em cápsula do tempo até 2046

A lenda da música country Dolly Parton deixou ao menos uma canção inédita antes de morrer, mas será preciso esperar duas décadas para ouvi-la. A artista morreu na última terça-feira, aos 80 anos, após uma batalha contra o câncer.

Em 2022, Parton contou no programa *The Kelly Clarkson Show* que havia gravado uma canção secreta para celebrar a inauguração do DreamMore Resort, do seu parque temático Dollywood, em 2015. A música se chama *My Place in History* - Meu Lugar Na História, em português.

A canção foi colocada, junto com aparelhos de CD e de fita cassete, dentro de uma caixa de madeira. A cápsula do tempo foi exposta numa vitrine de vidro no DreamMore Resort. Ela só deverá ser aberta em 19 de janeiro de 2046, quando Parton completaria 100 anos.

“Tive de escrever uma música que ninguém ouviria até lá. E vou lhe dizer: você não faz ideia do quanto isso tem me incomodado. Tenho tanta vontade de ir lá desenterrá-la e penso: ‘Bem, preciso usar essa música, porque, sabe como é, é uma música muito boa’”, disse ela a Clarkson.

Parton temia que a própria gravação talvez não sobrevivesse à passagem do tempo, mas afirmou que, se isso acontecesse, esperava que a gravação fosse especial.

Inaugurado com esse nome em 1986, o Dollywood é um parque temático situado em Pigeon Forge, no Tennessee, próximo às Great Smoky Mountains - região onde Parton nasceu e cresceu. Além de montanhas-russas e atrações típicas, o parque destaca a cultura dos Apalaches, com música country e gospel, apresentações, gastronomia e demonstrações de artesanato tradicional.

Causa animal motiva evento de literatura e artes visuais na Ufrgs

Para celebrar e incentivar a adoção responsável de animais domésticos, o último dia de visitação do painel *A alegria é um lugar possível*, de Leandro Selister, é marcado por uma programação especial no Centro Cultural da Ufrgs (Eng. Luiz Englert, 333). Na sexta-feira, às 16h, a ONG Caramelos do Vale, ação de extensão da Universidade que atua no resgate, acolhimento e adoção de cães abandonados, realiza uma edição do Sebo de bolso dos caramelos, que ajuda a financiar o projeto. Na ocasião, Selister disponibiliza para venda seu livro homônimo, que conta a história da adoção da vira-lata Chica, bem como uma tiragem limitada de *prints* do desenho do mural. A entrada é gratuita e aberta à comunidade.

Parte do valor arrecadado com a co-

mercialização do livro de Leandro e com as reproduções, numeradas e assinadas, do desenho do painel, será destinada à Caramelos do Vale, que completou quatro anos de existência em 2026. Os desenhos de Selister são uma forma de registro do trabalho feito ao longo dos últimos meses junto à ONG.

O painel foi produzido dentro do escopo do projeto Grafite de Giz, que, desde 2019, desafia artistas e coletivos a explorarem as potencialidades de uma ferramenta pouco habitual em seus trabalhos: o giz, ilustrando o painel de grandes dimensões localizado no térreo do Centro Cultural. A proposta também se caracteriza pela efemeridade, uma vez que as obras são apagadas a cada dois meses, para dar espaço a novas participações.

fique ligado

Humberto Gessinger encerra turnê acústica

Humberto Gessinger encerra a turnê *Acústicos Engenheiros do Hawaii* com dois shows no Auditório Araújo Vianna

(Osvaldo Aranha, 685): neste sábado, às 21h, com o guitarrista Esteban Tavares como convidado especial, e no domingo,



Clássicos dos Engenheiros do Hawaii estarão em shows no Araújo Vianna

às 20h, com Dado Villa-Lobos. O repertório reúne clássicos em formato acústico, como *O Papa é Pop*, *Toda Forma de Poder* e *Piano Bar*. Os últimos ingressos, apenas para o show de domingo, estão à venda pela plataforma Sympla e custam entre R\$ 180,00 e R\$ 1200,00.

Fundador dos Engenheiros do Hawaii, uma das bandas mais importantes do rock brasileiro, Gessinger soma 40 anos de carreira, oito Discos de Ouro, um Disco de Platina e uma indicação ao Grammy Latino. Seu álbum mais recente, *Reverendo o que Nunca Foi Visto*, de 2025, traz duas faixas inéditas e dez canções gravadas ao vivo durante a própria turnê acústica, na cidade de São Paulo.

Sandra Sá comemora 45 anos de carreira

Uma das maiores representantes da música negra brasileira, Sandra Sá se apresenta neste sábado, às 20h, no Opinião (José do Patrocínio, 834), com o show *Sucessos dos Anos 80 e 90*. Transitando entre soul, MPB e samba, o repertório reúne hits como *Retratos e Canções*, *Vale Tudo*, *Joga*

Fora, *Bye Bye Tristeza* e *Olhos Coloridos*. Os ingressos variam entre R\$ 110,00 e R\$ 240,00 pela plataforma Sympla.

Nascida na zona norte do Rio de Janeiro e neta de um cabo-verdiano, Sandra completou 45 anos de carreira em 2025 e soma mais de 20 discos, com

prêmios como o Sharp de melhor cantora. Além da música, compôs sambas-enredos para escolas de samba do Rio e de São Paulo, concorreu ao reality musical *The Masked Singer Brasil* em 2021 e estreou no cinema com *Barraco de Família* em 2023.

Trinca de vozes marcantes do samba e pagode

Netinho de Paula, Chrigor e Márcio Art se apresentam nesta sexta-feira, às 21h, no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685), com o projeto *Samba 90 Graus*, que celebra três décadas de trajetória dos três ícones do pagode. O repertório reúne clássicos

do estilo como *Temporal*, *Cohab City* e *Pimpolho*. Restam poucos ingressos, entre R\$ 120,00 e R\$ 420,00, à venda pela plataforma Sympla.

O trio já gravou um CD/DVD ao vivo em São Paulo com o projeto, que reúne os grandes sucessos

das carreiras individuais dos artistas. Netinho de Paula foi vocalista do Negritude Júnior, Chrigor esteve à frente do Exaltasamba de 1993 a 2022, e Márcio Art integrou o Art Popular até 2010, responsáveis por hits como *Beijo Geladinho*, *Trilha Sonora* e *Fricote*.

Feira reúne produtores artesanais gaúchos

A NÓS Feira - Comida Artesanal e Autoral chega à sétima edição neste sábado, das 11h às 19h, no Instituto Ling (João Caetano, 440), com entrada gratuita. O evento reúne 25 pequenos produtores de diferentes regiões do Rio Grande do Sul, que apresentam e comercializam diretamente queijos, vinhos, azeites, char-

cutarias, pães e doces. A programação inclui três oficinas sensoriais, a R\$ 150,00 cada, com vagas limitadas pela plataforma Sympla, e a participação do chef Maurício Olmi.

Idealizada por Paulo Ceratti e Mari Rosa, da Canto Queijaria, e produzida pela Caroteno Produções, a feira nasceu em 2023 para aproxi-

mar produtores e consumidores e já mobilizou mais de 150 produtores gaúchos, com público estimado em 7 mil pessoas ao longo de sua trajetória. Entre os destaques desta edição estão as oficinas sobre cafés especiais, queijos artesanais e azeite extravirgem, conduzidas por especialistas como o produtor Paulo Ceratti.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 28 DE AGOSTO

🕒 **19h** - Sebastian Piracés, da Francisco, El Hombre, comanda o DJ set Ataque Tropical na Rádio Agulha (Cristóvão Colombo, 545). Entrada franca, contribuição sugerida de R\$ 20,00. Repete sáb, 19h.

🕒 **20h** - Ospa apresenta concerto *O Curso da Água* na Casa da Ospa (Borges de Medeiros, 1.505). Regência de Tatiana Pérez-Hernández, com o pianista Alexandre Dossin como solista convidado. R\$ 15,00 no Sympla.

🕒 **19h** - Novo espetáculo da Cia. Reverbo, *AUTODescrição - Tudo o que eu não vejo* transforma audiodescrição em dispositivo dramático para investigar os limites do olhar. No Teatro Bruno Kiefer da CCMQ (Andradas, 736). R\$ 50,00 no Sympla. Repete sábado (19h, com Libras e audiodescrição) e domingo (18h).

🕒 **20h** - Letrux apresenta o repertório de *SadSexySillySongs*, seu quarto álbum de estúdio no Bar Opinião (José do Patrocínio, 834). Ingressos a partir de R\$ 90 no Sympla.

🕒 **21h** - Felipe Coelho Quarteto em *Tributo às Grandes Guitarras do Jazz* no Grezz (Alm. Barroso, 328). Ingressos no Sympla.

🕒 **21h** - Luciano Leães comemora aniversário e contrato com a Gallatin Street Records em show com convidados no Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). A partir de R\$ 35,00 no Tri.RS.

SÁBADO, 29 DE AGOSTO

🕒 **Das 11h às 17h** - Abertura da mostra coletiva *Uma Força Estranha*, na Fund. Vera Chaves Barcellos (Rod. Tapir Rocha, 8.480, parada 54 - Viamão). FVCB oferece transporte ida e volta, manhã e tarde, mediante inscrição prévia no site da Fundação. Livre.

🕒 **16h** - Lançamento de *2018 - A cumplicidade entre o TRF4 e a Lava Jato*, de José Luís Costa, Moisés Mendes e Rafael Guimaraens. Bate-papo, seguido de sessão de autógrafos. Na Livraria Paralelo 30 (Vieira de Castro, 48). Entrada franca.

🕒 **A partir das 18h30min** - Acordes Elétricos Sound's na Casa Plural (André Puente, 136) reúne bandas de rock autoral Mimi Johnson, RT (Recuperação Terapêutica), The Beatbackers, Eletroacordes e Saudades Robson. Entrada mediante contribuição espontânea.

🕒 **19h** - Grupo Sarabanda estreia nos palcos com montagem de *Piquenique no Front*, de Fernando Arrabal, que aborda o absurdo e a crueldade da guerra. No Estúdio Stravaganza (Olinto de Oliveira, 68). R\$ 50,00 no local. Repete domingo, 19h.

🕒 **19h** - Banda Pata de Elefante toca no Bar Tutti Giorni (Av. Borges de Medeiros, 710). Entrada franca.

🕒 **20h** - Espetáculo teatral *Expostos* retrata a adoção a partir da perspectiva de quem foi adotado. Na Zona Cultural (Alberto Bins, 900). R\$ 60,00, no Sympla. Repete domingo (18h).

🕒 **20h** - *A Filha da Terra e o Filho do Dono*, do Uta Teatro, investiga as consequências da escravidão no sul do Brasil. No Galpão Floresta Cultural (Conselheiro Travassos, 541). Entrada franca, retirada de senhas 1h antes da apresentação. Repete domingo, 20h.

🕒 **20h** - Espetáculo *A Mulher Que Virou Bode: A História Perdida de Jurema Finamour* revela o apagamento histórico da escritora e repórter Jurema Finamour, uma mulher influente no jornalismo brasileiro das décadas de 1940 a 1960. Apresentação será no Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1089), às 20h. A partir de R\$ 30,00 no site do Theatro São Pedro. Repete domingo, 18h.

🕒 **21h** - Pai e filho, Celso e Pedro Viáfara apresentam músicas do álbum *Me Deixa Ser o Seu Parceiro*, voltado à MPB. No Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). A partir de R\$ 50,00 no Sympla.

🕒 **21h** - Izmália apresenta o show *Tributo a Rita Lee* no Grezz (Almirante Barroso, 328). A partir de R\$ 25,00 pelo Sympla.

🕒 **21h** - Luiz Barata & Nitcho se apresentam pela primeira vez em Porto Alegre no Hum Espaço Multiuso (Rua da Conceição, 15), às 21h. Show traz o trabalho mais recente, o disco *Eterno Menino Levado*. Ingressos a partir de R\$ 60,00 pela plataforma Gandaya.

DOMINGO, 30 DE AGOSTO

🕒 **19h** - Peça cômica *Casa, Comida e Alma Lavada* traz Bianca Rinaldi e Rodrigo Phavanello como casal que discute a relação após 20 anos de casamento. No Teatro Bourbon Country (Túlio de Rose, 80). A partir de R\$ 42,00 no Uhuu.

🕒 **19h** - Festa-show Ramones Day traz banda Rotentix e convidados como Julia Barth, Duda Calvin e Pisca tocando na íntegra os discos *Ramones* e *Loco Live*. No Opinião (José do Patrocínio, 834). Entre R\$ 55,00 e R\$ 110,00 pelo Sympla.

reportagem cultural

Um piano no centro do poder

Marcello Campos, especial para o JC*

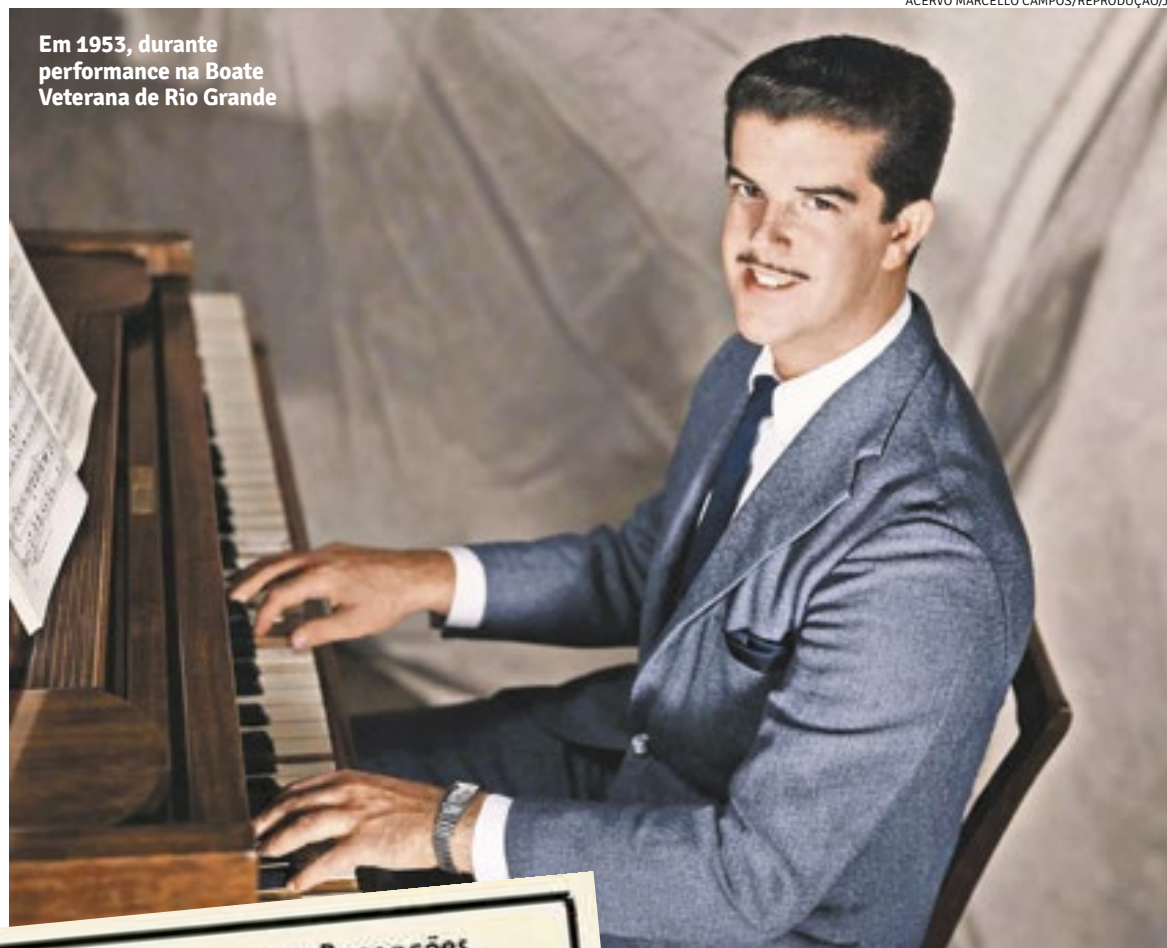
O emprego no banco acabou por levar Peixoto Primo a uma transferência para o Rio de Janeiro, em 1965, sem que limitações de calendário impedissem a continuidade da múltipla jornada que já desempenhava em Porto Alegre. Pelo contrário: a carreira artística avançaria em ritmo acelerado, sobretudo a partir de dois convites. O primeiro para tocar na boate Arpege, do pianista mineiro Waldir Calmon. Já o segundo para atuar como produtor na gravadora Musidisc, pela qual ele lançara no ano anterior o primeiro disco de seu novo projeto, o Primo Trio, com contrabaixo e bateria a cargo de instrumentistas locais.

Não bastasse o variado elenco da casa, Primo se autoproduziu em dois LPs e dois compactos plenamente sintonizados ao melhor do chamado *samba-jazz* que se tornava uma das marcas da moderna música brasileira do período. Suas releituras instrumentais para composições predominantemente nacionais seriam relançadas em vinil e CD nos anos 2000 pelo selo especializado Whatmusic, da Inglaterra, quando já estavam no radar de colecionadores espalhados pelo planeta. Um terceiro disco foi lançado como hepteto, antes que o gaúcho em-

barcasse em aventuras internacionais, deixando para trás a estabilidade financeira, esposa e quatro filhos.

Os anos seguintes seriam marcados por excursões internacionais e experiências no papel de líder de banda ou no acompanhamento de cantores brasileiros como Agostinho dos Santos e Pery Ribeiro, respectivamente em turnês por Europa e México. Neste último, acabou trabalhando em casas noturnas de 1967 a 1968, eventualmente em parceria com o também gaúcho e pianista Breno Sauer. Idas e vindas ao Exterior levaram à formação de quinteto, em Porto Alegre, para um giro em navio de cruzeiro desde Santos até os Estados Unidos, costeando a América do Sul pelo Oceano Pacífico, em abril de 1969.

Membro do escreto como vibrafonista, Heitor Barbosa - outro riograndino de renome - relembra a empreitada: “Nunca havíamos trabalhado juntos mas já conhecíamos o repertório, que tocamos para cerca de 800 turistas durante quase um mês, com escalas na Argentina, Uruguai, Chile, Galápagos, Pana-



Em 1953, durante performance na Boate Veterana de Rio Grande



má, ilhas do Caribe e Miami, passando pela Bahia no retorno. O Primo era dinâmico e ótimo líder, tanto que antes e depois do embarque ele conseguiu levar a gente ao Rio de Janeiro para gravar dois elepês [os cultuados *Um Homem e Uma Mulher* e *Vai*

Laaaá Que Tem, lançados naquele mesmo ano pelo selo Equipel”.

A lista de quase 50

países visitados por Primo ao longo da carreira, aliás, faria dele um dos mais rodados músicos gaúchos de seu tempo, rivalizando nesse critério com o icônico

Conjunto Farroupilha (1948-1971), por exemplo. Depoimentos nas décadas seguintes citariam passagens marcantes como tocar com a orquestra de um baile no Principado de Mônaco, em 1967, diante da princesa e ex-atriz Grace Kelly. Ou atuar ao vivo dentro de um Boeing da Varig, no ano seguinte, durante a viagem inaugural da linha São Paulo-Tóquio, antes de permanecer durante um mês no Japão para divulgar a música brasileira, a serviço do Ministério das Relações Exteriores.

“Festa acabada, músicos a pé”

Primo ingressou no século XXI contornando problemas de saúde que logo se tornariam visíveis na progressiva perda de peso por um idoso de obesidade mantida por décadas. Profissional de pontualidade britânica, dedicava-se nas horas vagas a seu antigo projeto de livro biográfico, intitulado *Festa Acabada, Músicos a Pé*, cuja conclusão não chegaria a testemunhar. Também retornou à terra natal para os festejos do centenário do Sport Club Rio Grande, seguidos de apresentações em casas noturnas de Porto Alegre - Chipp's, Girasole, Se Acaso Você Chegasse, com ampla cobertura pela imprensa.

Avesso à ideia de apo-

sentadoria, ele acabara de se apresentar na véspera do Natal de 2001 para os hóspedes do resort Rio Quente (maior estância hidromineral do mundo), em Caldas Novas (GO), quando o coração entrou em descompasso, a 300 quilômetros de casa. O quadro exigiu internação em Brasília até a alta, na manhã de 31 de dezembro, mas um novo mal-estar, à noite, o levou de volta ao Hospital Santa Luzia, onde não resistiu a uma parada cardíaca. Aos 68 anos, Primo sucumbira a uma cirrose hepática causada por hemocromatose, doença em que o intestino absorve mais ferro que o necessário, levando ao acúmulo do mineral em órgãos vitais como fígado e pâncreas.



Peixoto Primo e seus colegas em 1960, em gravação do programa Rádio-Baile Brahma, nas ondas da Guaíba

“Residência oficial” em Brasília

Vivendo exclusivamente da música no início da década de 1970, Peixoto Primo se desdobrava entre o Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro até dezembro de 1972, quando atendeu a um chamado de Brasília: se apresentar na festa do 67º aniversário do ditador Emílio Médici, nascido em Bagé/RS. Os elogios levaram o porto-alegrense Marcus Vinicius Prati de Moraes, então ministro da Indústria e Comércio, a oferecer um cargo de assessor para que o amigo fincasse âncora na capital federal, aos 39 anos. Convide aceito, logo se tornou figura onipresente em eventos oficiais e particulares da elite local.

O fato de a ditadura atingir seu período mais crítico naqueles tempos jamais constrangeu um músico pragmático, bonachão, focado em seu trabalho e alheio a questões políticas. Pelo contrário. Radicado na cidade até o final da vida, sempre fez questão de ostentar no currículo as homenagens e condecorações recebidas do regime militar – o mais próximo que chegaria do ativismo seria como vice-presidente da Ordem dos Músicos do Brasil (OMB), nas décadas de 1980 e 1990. Também não escondia certo grau de deslumbramento com sua intimidade aos círculos do poder.

Entrevistado em 1997 no talk-show televisivo *Jô Soares Onze e Meia*, no SBT, lembrou uma festa promovida pelo então ditador João Figueiredo em homenagem ao colega norte-americano Ronald Reagan, na Granja do Torto, em 1983: “Quando toquei *As Time Goes By*, do filme Casablanca, ele se levantou e foi até o microfone. Cantou pessimamente...”. Aquele único encontro, aliás, foi suficiente para Primo incluir dali em diante em seu currículo profissional o item “amigo pessoal do presidente Ronald Reagan”.

Outro lance insólito foi compartilhado na época com o apresentador Lauro Quadros no programa *Estúdio 36*, do canal gaúcho TVCOM (1995-2015). Na lembrança, uma recepção em São Paulo à rainha Sílvia da Suécia, de infância passada naquele Estado, onde nasceu sua mãe. “Ela gostou tanto da minha interpretação da *Rapsódia Sueca* que beijou minha mão. Uns três dias depois, chegando ao Instituto do Coração [Incor] para um cateterismo, acabei reencontrando a rainha, que estava lá para a inauguração de uma nova ala e me reconheceu, perguntando o que eu fazia por ali. Expliquei que era uma dorzinha no coração”.



Primo chegou a Brasília em 1972 e logo fincou âncora na capital federal

Ao pé do ouvido

Nenhum aperto de mão ou afago de governante, monarca ou outra celebridade renderia para Peixoto Primo tanto assunto, porém, quanto um incidente palaciano do qual involuntariamente fez parte, na madrugada de 30 de setembro de 1990, um domingo. Contratado para a festa de 37 anos da então ministra da Economia, Zélia Cardoso de Melo, o pianista distribuía melodias e sorrisos quando ela se aproximou, ao pé do ouvido: “Toque *Besame Mucho*”. Pedido prontamente atendido, o bolero composto em 1940 pela mexicana Consuelo Velázquez embalou uma dança de rosto colado entre a aniversariante, solteira, e o titular da pasta da Justiça, Bernardo Cabral, casado.

Alvo de cochichos nos bastidores de Brasília, o *affair* entre os colegas de primeiro escalão rapidamente invadiu o noticiário, acentuando o desgaste pelo qual já vinham passando seus protagonistas – ele acumulava tropeços na articulação política do presidente Fernando Collor, enquanto ela amargava a antipatia popular como um das cabeças do plano

de estabilização econômica que incluía o confisco temporário de 80% dos valores depositados nas contas-correntes e cadernetas de poupança de milhões de brasileiros. Cabral acabou deixando o cargo duas semanas depois. Zélia ainda duraria oito meses no cargo.

O costumeiro distanciamento a respeito de temas políticos não impediu Primo de tirar sarro do assunto, pelo resto da vida. “Derrubei dois ministros com uma música”, costumava se van-

gloriar. Esse espírito divertido é confirmado pelo ex-baterista Gabriel Krause, parceiro de trabalho nas noites porto-alegrenses de 60 anos atrás: “Era um humor e camaradagem fantásticos! Certa vez, o pianista Nicolau Kersting prometeu quebrar a cara dele, por causa de desacerto sobre uma evento no Círculo Social Israelita. Todo mundo temeu o pior quando se reencontraram, mas bastaram cinco minutos de conversa no bar do clube para os dois saírem às gargalhadas, abraçados”.

ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC



Registro do pianista em 1992, durante uma de suas passagens em Porto Alegre

Discografia Seleccionada

Peixoto Primo lançou cerca de 20 álbuns ao longo de 44 anos, dentre LPs, compactos e CDs por gravadoras de renome, selos menores ou sob esquema autofinanciado. Isso sem contar as participações – nem sempre creditadas – como pianista no acompanhamento de performances de colegas. Alguns de seus títulos da década de 1960 estão disponíveis nas plataformas digitais e continuam a atrair colecionadores, sobretudo estrangeiros, que chegam a pagar o equivalente a R\$ 700,00 por um exemplar em bom estado de *Sambossa*, por exemplo.

O pesquisador musical gaúcho Diego Rosa faz uma breve resenha da discografia: “São registros de um músico bastante técnico e versátil, transitando por diferentes estilos. A meu ver, o ápice de sua discografia está no período em que gravou para a Musidisc, especialmente nos dois *long-plays* em formação mais simples, como trio. Tocando clássicos da bossa-nova e samba-jazz, o piano se destaca e podemos perceber toda sua maestria”.

- ▶ 1957 **Seleção Dançante** (Rosenblit)
- ▶ 1962 **Apresentando o Conjunto Flamingo** (Audio-fidelity)
- ▶ 1964 **Primo Trio** (Musidisc)
- ▶ 1965 **Sambossa** (Musidisc)
- ▶ 1966 **Primo Pinta o Sete** (Musidisc)
- ▶ 1968 **Bailando Bossa Nova En El Camichin** (RVV/México)
- ▶ 1969 **Um Homem e Uma Mulher** (Equipe)
- ▶ 1969 **Vai Láááá Que Tem!** (Equipe)
- ▶ 1975 **Som Ambiente - Vol. 2** (Cid)
- ▶ 1984 **Piano Espetacular - Vol. 3** (Cid)
- ▶ 1992 **Magic Piano - Vol. 9** (Cid)
- ▶ 2000 **Primo 3 de Brasília** (independente)

* **Marcello Campos** é formado em Jornalismo, Publicidade & Propaganda (ambas pela Pucrs) e Artes Plásticas (Ufrgs). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há quase duas décadas, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoi-tealegre@gmail.com.



nas telas



Daniel de Oliveira, Luisa Arraes e Samantha Jones estão em *Muito Prazer*

O novo esquema cômico de Jorge Furtado

Nova comédia de Jorge Furtado, *Muito Prazer* chega aos cinemas contando a história de três amigos - interpretados por Luisa Arraes, Daniel de Oliveira e Samantha Jones - que, afundados em dívidas, buscam uma forma de escapar dos credores. A ideia: reativar o motel abandonado que Rubem (Daniel de Oliveira) herdou da família. Com

ajuda de sua amiga Nalva (Samantha Jones) e de Grace (Luisa Arraes), que vivia no estabelecimento desativado, Rubem desenvolve um plano inusitado para reviver o antigo Hotel Pérola. Como fazer um motel sobreviver em um mundo onde os algoritmos parecem entregar todas as fantasias sem que ninguém precise sair de casa?

Uma família, o luto e um segredo

Depois de uma trajetória de destaque em festivais, incluindo o Kikito de Melhor Filme neste ano em Gramado, *Nosso Segredo*, primeiro longa da mineira Grace Passô, chega aos cinemas neste final de semana. Filmado em Belo Horizonte, o filme acompanha uma família negra que tenta reconstruir sua rotina após uma perda recente. Enquanto cada integrante enfrenta o luto à sua maneira,

o filho caçula guarda um segredo capaz de levar o núcleo familiar a encerrar as raízes de suas dores e, juntos, descobrirem um novo caminho para enfrentarem a dor. *Nosso Segredo* reafirma a trajetória ascendente da atriz e dramaturga Grace Passô como uma das vozes mais potentes da criação artística brasileira contemporânea, agora também na direção de cinema.

Os 30 anos de *Trainspotting*

Clássico *cult* que completa 30 anos neste mês, *Trainspotting - Sem Limites*, de Danny Boyle, é a atração da Sessão Nostalgia na Cinemateca Paulo Amorim da Casa de Cultura Mario Quintana (Andradas, 736) neste domingo, às 14h30min. Baseado no livro homônimo de Irvine Welsh, o longa segue Ren-

ton (Ewan McGregor) e seu grupo de amigos excêntricos, que lutam contra o vício em heroína enquanto buscam um sentido para suas vidas nos subúrbios da cidade escocesa de Edimburgo. *Trainspotting* tem classificação indicativa de 18 anos e os ingressos, diretamente na bilheteria da CCMQ, saem por R\$ 10,00.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

O (?) dos Pobres, apelido de Muhammad Yunus, Nobel da Paz de 2006	Indivíduo culpado		Tipo de caule como o da cebola			Pedra mais dura da natureza		Fator que legitima o poder do político e fortalece sua capacidade de governar	
	pelos erros alheios	(?) I, usina nuclear	Fase da atividade acadêmica medieval						
								Página (abrev.)	
Visita ao médico			Alice Braga, atriz paulistana			Maio, em francês			
Criado; produzido						Al (?), time de futebol dos Emirados Árabes			
			Peça fundamental do lavabo		(?)-G, macacão de pilotos de caça				
(?) Leoni, atriz novaiorquina		Piloto, em inglês						Mãe do primo	
		Ácido celular						Cidade do Paraná	
Tire algo de uma pessoa						Sufixo pejorativo de "brinquelo"			
					Sentido da correnteza de um rio		Aplicativo de smartphones		
Península do (?): situa-se no Egito			Ave também chamada "chora-lua"						
Arthur Adamov, dramaturgo francês		Tática do vendedor			"O Livreiro de (?)", best-seller		(?) Ribeiro, baixista dos Paralamas	O verbo da pessoa agregadora	
				(?) senão quando: de repente					
La (?), comunidade autônoma espanhola		Gian Lorenzo (?), arquiteto que projetou a praça de São Pedro (Vaticano)							
Três (?), município do sul mineiro					Abdullah (?), o atual rei da Jordânia		Ina Claire, atriz de "Ninotchka" (Cin.)		
					Comete equívoco				

BANCO 3/aln — mai. 5/pilot — rioja. 6/urtau. 10/quadrivium. 33

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

Assine nosso site!

COQUETEL

Solução														
V	R	R	E		S	V	I	N	O	P				
C	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I				
I	N	I	N	R	E	B		R						
T	U	B	A	C		V	J	O	I	R				
B		S	M	T		I								
U	V	T	U	R	U	V	A	V						
P	P		J		I	V	N	I	S					
O	T	E		E	V	I	R	P						
V		T	O	T	I	P	X							
I	T	N	V		R		V	E	T					
N	I	V		O	D	V	R	E	G					
I	V	M		B	V		G	D						
P	V	T	T	U	S	N	O	C						
O	R	I	E	U	D	N	V	B						
		D	B											

Horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

♈

Áries: A relação amorosa precisa ganhar uma grandeza mais livre e aberta. Não adianta sonhar com o que não pode ser realizado. Traga os sonhos bonitos para dentro de sua vida.

♉

Touro: É tempo de cuidar das questões familiares, dedicando a elas o seu melhor. Não se deixe levar para longe por sonhos voláteis e fugazes. Ancore sua vida no que é bem seu.

♊

Gêmeos: É tempo de expandir a mente e o conhecimento, sem se perder de suas aplicações práticas. As viagens podem trazer novidades e redimensionar o que você antes pensava.

♋

Câncer: Segue fundamental cuidar do que é seu, mesmo diante de obstáculos e obtendo resultados pouco alentadores, de início. Não ultrapasse os limites que lhe são naturais.

♌

Leão: Você se encanta com o que os outros acham de você, seja bom ou ruim. E tende a se perder daquilo que você é realmente. A fantasia envolve-o em relações imaginárias.

♍

Virgem: Pequenos atritos com amigos e pessoas queridas. Momento de possível superação de um velho problema. Mas você pode avaliar seus resultados com mais clareza.

♎

Libra: Um dia delicado para o trabalho e a relação amorosa. O mundo parece estar contra seus desejos e sua realização. As afeições lhe soam mais coloridas do que realmente são.

♏

Escorpião: Uma possível definição surge no âmbito profissional. Neste momento, dedique-se ao trabalho, mais do que aos gostos pessoais. Não deixe o humor interferir nas ações.

♐

Sagitário: A consolidação de valores filosóficos e espirituais é agora bem importante. Eles darão um rumo firme para sua vida. Aprenda a realizar uma coisa de cada vez, e aos poucos.

♑

Capricórnio: As condições difíceis podem agora estar melhor equacionadas, permitindo maior mobilidade para você. Conflitos de valor e pontos de vista afetam as relações pessoais.

♒

Aquário: Os relacionamentos mexem muito com você e sua autoimagem. Mas não vá exagerar na reação ao que sente ou percebe. Momento de firmar certas posições na vida a dois.

♓

Peixes: Muito trabalho à vista, mas também uma possível consolidação deste. É bom cuidar da saúde por agora, evitando os excessos. As relações afetivas estão tensas e crispadas.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Crescimento da China, custos humanos e impacto nos EUA

Um dos temas mais importantes e cruciais do mundo moderno é, sem dúvida, o vertiginoso crescimento da China, com altos custos humanos envolvidos e de como isso impacta fortemente os Estados Unidos da América. A competição ferrenha entre os gigantes mundiais, a busca de liderança e uma Guerra Fria iminente são tópicos que merecem atenção por parte de todos.

A *todo vapor - Tecnologia e poder na China e a disputa com os Estados Unidos* (Editora Intrínseca, 220 pág, R\$ 79,90), de Dan Wang, experiente pesquisador no Hoover History Lab, na Universidade de Stanford, é uma fascinante investigação em primeira mão do crescimento chinês. Wang integrou o Paul Tsai China Center, da Faculdade de Direito da Yale e foi analista de tecnologia da Gavekal Dragonomics. Ele é autor de um relatório anual sobre o China e publicou ensaios no The New York Times e outros grandes veículos.

O livro foi considerado pela The New Yorker, Financial Times e NPR como um dos melhores livros de 2025. Wang, especialista em tecnologia com faro jornalístico, no dizer da The New Yorker, usa exemplos da inovação chinesa para mostrar como os caminhos divergentes e as patologias desses dois países podem ser explicados por suas respectivas culturais políticas.

Wang, ao analisar a polarização crescente entre as duas potências, reflete sobre política, economia e filosofia e mostra que a China foi impulsionada por um crescimento vertiginoso, porém caótico, e que apresenta fragilidades em termos sociais. A China se tornou o “estado da engenharia”, das ferrovias reluzentes e mega projetos - os Estados Unidos, sociedade legalista que recusa mudanças, estagnaram.

Estudando os dois titãs mundiais, Wang, além de apontar semelhanças espantosas entre eles,



ênfata como eles podem aprender um com o outro e remodelar a política internacional.

Wang mostra justamente a elite americana composta sobretudo de advogados, especialistas em obstrução, e a classe tecnocrática chinesa, composta principalmente de engenheiros, e essa é a grande ideia do livro.

e palavras...

O PEQUENO PRÍNCIPE EM NOVA EDIÇÃO

A gente deve ler os clássicos porque são atemporais, trazem questões humanas eternas, visões de mundo ampliadas e para fortalecer nossa base cultural. Li *O pequeno príncipe* pela primeira vez em francês, indicado pela professora Zilda, no Julinho, em 1970. Ao mesmo tempo que nos ensinava a língua, aquela mestra de elegância séria nos presenteou com um livro desses que mudam as pessoas e o mundo.

Já adulto, na meia idade, reli o clássico de Antoine de Saint-Exupéry, com outros olhos e com outras percepções, mas com o mesmo ou maior encantamento. Agora na “melhor idade”, aos 72, tresli o livro que foi traduzido para mais de 250 idiomas, um dos mais publicados no mundo e que desde 1943 seduz leitores de todas as idades em diferentes países do mundo.

O pequeno príncipe (L&PM Editores, 96 pág, R\$ 59,90, tradução de Ivone C. Benedetti) recebeu uma nova edição, com lindas capa e ilustrações de Maria Hesse, premiada ilustradora e escritora espanhola. Desde a capa e a primeira página o grande clássico da literatura para crianças, jovens e adultos, com a empolgante e moderna releitura dos desenhos originais do autor, envolve o leitor e revela a perenidade e a atualidade dos temas da obra.

Saint-Exupéry (1900-1944) foi piloto comercial e militar, desapareceu durante um voo de reconhecimento sobre o Mediterrâneo, viveu nos Estados Unidos desde 1940 e escreveu *Terra dos homens*,

Piloto de Guerra e *Voo Noturno*, entre outros livros. Maria Hesse foi considerada pela conceituada editora alemã Taschen entre os cem melhores ilustradores do mundo e publicou pela L&PM *Frida Kahlo: uma biografia* (best-seller internacional), *David Bowie: uma biografia* e *O prazer*.

Num mundo que atualmente conta com mais de cinquenta guerras, imerso em narcisismos, informações e agressões demasiados e diários, um livro como *O pequeno príncipe* deveria estar em todas as casas, escolas e bibliotecas. A história inusitada do piloto perdido no Saara que, ao acordar, depara com um garotinho loiro que lhe pede que desenhe uma ovelha para ele é o início de uma fábula altamente poderosa e comovente que fala de vida, amizade, vaidade, simplicidade, amor, natureza, beleza, flores, dinheiro, riqueza e de como o mundo se ressentia da falta de diálogo verdadeiro, atenção, paz, solidariedade e seres humanos dignos deste nome.

O livro, acima de tudo, revela que além do amor, o mais importante na vida são os sonhos, atitudes e olhares puros de criança, que muitas vezes deixamos para trás, pensando que somos adultos ‘sérios’ e preocupados somente com ‘coisas importantes’.

Com prosa muito mais que poética, o príncipezinho, com sabedoria e ternura sem igual, mostra que a vida pode ser diferente, mais ligada no que é realmente importante e mais próxima do coração e das essências que são invisíveis para os olhos.

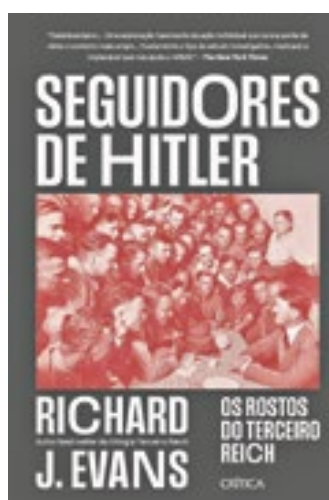
Lançamentos



► **A mulher que ouvia os quadros** (Casa de Astérion, 112 pág), romance de estreia da escritora Chris Cidade Dias, apresentado por Lu Thomé, narra com talento a história de um pequeno broche com figura de pássaro que leva Clarissa do Brasil a Toledo, na Espanha. A viagem inicia com um impulso e acaba na prisão. Romance de introspecção e autodescoberta, e que demonstra que um quadro pode ser muito mais do que uma imagem.



► **Na beirada** (Rocco, 288 pág, R\$ 55,00), romance de Bruna Maia, cartunista, jornalista e escritora, autora de *Com todo o meu rancor*, evoca o mito de Cassandra (aquela que os outros não enxergam) e constrói um thriller singular conduzido por uma protagonista solitária, introspectiva e emocionalmente instável. Sua vida rotineira muda depois do assassinato brutal nas manchetes e a vontade de ser policial. Dissociação, ansiedade e violência surgem.



► **Seguidores de Hitler** (Crítica- Editora Planeta, 672 pág, R\$ 130,00), de Richard J. Evans, autor do best-seller *Trilogia do Reich* e grande especialista em Alemanha moderna, é um grande estudo biográfico do círculo íntimo de Hitler que mostra uma nova maneira de enxergar os horrores nazistas. A obra mostra os rostos do Terceiro Reich e uma visão mais realista, com os seguidores de Hitler vistos como seres humanos perturbadamente semelhantes a nós.

A propósito

No seu fundamental livro *Por que ler os clássicos*, o gigante escritor italiano Italo Calvino dedica ensaios específicos a Balzac, Borges, Mark Twain, Flaubert, Homero, Diderot e Tolstói e define os clássicos como obras que nunca terminam, que são os livros relidos para novas

descobertas e que dialogam com o passado e o presente e com o inconsciente coletivo ou individual. É bem o caso de *O pequeno príncipe*, livro inesgotável na capacidade de mostrar nossas grandezas e dificuldades humanas ao longo dos tempos.

(Jaime Cimenti)



Os 30 anos do caderno Viver, espaço do jornalismo cultural na imprensa gaúcha

Igor Natusch, editor de Cultura

Alcançar os 30 anos ininterruptos de publicação não é tarefa fácil para um suplemento cultural, em lugar algum do Brasil. No Rio Grande do Sul, trata-se de algo ainda mais raro. Não é de surpreender, portanto, a alegria de todos os envolvidos em celebrar as três décadas do caderno Viver, comemoradas neste mês de agosto.

Surgido nas páginas do Jornal do Comércio em 1996, o Viver foi criado com o objetivo de ampliar e diversificar a cobertura cultural feita pelo Panorama, espaço diário dedicado ao entretenimento e às artes que segue presente nas páginas do JC.

Com o passar dos anos - e a contribuição de dezenas de profissionais, entre jornalistas, colunistas e colaboradores -, o Viver foi se consolidando como reduto do jornalismo cultural no RS, combinando o olhar dinâmico para a agenda de cada final de semana com a capacidade de pensar questões relevantes para a economia criativa e as diferentes formas de expressar e vivenciar a arte.

Sem jamais deixar de lado sua vocação para a cobertura econômica, o Jornal do Comércio sempre compreendeu a importância da cultura para uma sociedade

ativa, saudável e em permanente movimento, capaz de avançar rumo ao futuro com criatividade e consciência de si mesma. Fiel a essa visão, o Viver sempre buscou ser espaço não apenas de informação (mantendo o leitor em dia com a agenda cultural de Porto Alegre e do Estado), mas de renovação e inovação, atento ao novo e disposto a incorporá-lo não apenas como notícia, mas como próprio espírito da publicação.

Um pensamento que, recentemente, levou à criação de novas seções como Sangue Novo, dedicada a nomes emergentes do cenário artístico gaúcho, e Qual É A Boa, na qual a redação do JC traz, em primeira pessoa, sugestões para aproveitar o final de semana - dois espaços já consagrados junto a nossos leitores e que, aliás, voltam a ser publicados normalmente na próxima edição.

Por outro lado, uma sociedade que esqueça de onde veio não estará capacitada para decidir para onde deve ir. Desde 2018, o caderno Viver vem publicando reportagens especiais, aprofundadas e variadas, abordando não apenas figuras significativas de nosso amplo universo artístico, mas também locais e acontecimentos específicos que marcaram (e seguem marcando) a história

cultural de nosso Estado.

Sucesso junto aos leitores, essas reportagens semanais (produzidas por uma qualificada equipe de colaboradores) mostram que ainda há espaço para o jornalismo cultural de profundidade e qualidade na imprensa gaúcha. Uma verdade reconhecida na prática por nossos pares: nos últimos anos, as reportagens culturais do Viver têm sido presença constante em comemorações como o Prêmio ARI de Jornalismo, principal destaque entregue ao trabalho jornalístico em nosso Estado.

O futuro, mais do que uma certeza, é uma construção - e nosso objetivo é que o Viver siga cumprindo seu papel, oferecendo cultura e informação a nossos leitores todo final de semana. Música, cinema, artes visuais, literatura, teatro, dança, patrimônio histórico - todas as manifestações artísticas têm e terão espaço em nossas páginas, fios de uma grande costura cultural que une o que somos, o que fomos e o que podemos ser. Além da gratidão a todos os colunistas, jornalistas e realizadores que colaboraram nesse trajeto de três décadas, fica nosso agradecimento especial aos leitores, personagens fundamentais nessa jornada tão rica e cheia de emoções.

